

**USO DOS MARCADORES DISCURSIVOS  
NA MODALIDADE ORAL  
UMA ABORDAGEM DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO**

*Sivanilde Rodrigues da Silva* (UERR)  
[rsivanilderodrigues@yahoo.com](mailto:rsivanilderodrigues@yahoo.com)

*Luzineth Rodrigues Martins* (UERR)  
[luzinethmartins@yahoo.com.br](mailto:luzinethmartins@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo verificar a presença de elementos conhecidos na prática linguística como marcadores discursivos. A coleta de dados foi feita a partir do discurso proferido por indivíduos de diferentes níveis de escolaridade, por meio de recursos de áudio e transcrição dos dados coletados. O estudo procura identificar e definir as unidades de conversação encontradas no *corpus*, afirmando que o uso desses marcadores ocorre de maneira espontânea durante uma interação oral. O aporte teórico da pesquisa está ancorado em diversos autores que trabalham com a função interacional, em específico, os marcadores discursivos, tais como: J. Lyons, Michel Bréal, Koch (2002), Macedo, A. (2000), Macedo e Silva (1996), Marcuschi (1986), dentre outros. Percebe-se pelo *corpus* da pesquisa, que todos os turnos foram sucedidos pela presença dos marcadores, independentemente do nível de escolaridade do sujeito. Nota-se, no entanto, que algumas pessoas fizeram o monitoramento da fala, reduzindo de certa forma a ocorrência dos marcadores discursivos. Os dados revelaram que os marcadores com maior índice de ocorrência foram o “né?”, classificado como requisito de apoio, e os marcadores “Ah”, “Hum”, “Bem”, respectivamente caracterizados como iniciadores de turno. Quanto aos demais marcadores, observa-se que suas ocorrências foram dispersas.

**Palavras-chave:** Semântica da enunciação. Marcadores discursivos. Conversação.

**1. Introdução**

O homem é um ser que vive em sociedade e está constantemente interagindo com seus semelhantes, com intenções e finalidades variadas. A forma mais eficaz que possui para interagir no meio social é a língua. É por meio do discurso que ele atua sobre o mundo para alcançar os mais diferentes objetivos. Por esse motivo, as pesquisas sobre a linguagem têm gerado interesse em muitos pesquisadores.

Assim, na perspectiva de análise das condutas linguísticas, o presente artigo tem como objetivo verificar a presença de elementos conhecidos na prática linguística como marcadores discursivos, tendo como apoio a semântica, área da linguística que tem por objeto o estudo do

significado, assim descrita por unanimidade pelos manuais contemporâneos.

Os teóricos que ancoram esta pesquisa são: John Lyons, Michel Bréal, Koch (2002), Macedo (2000), Macedo e Silva (1996), Marcuschi (1986), dentre outros. O *corpus* do trabalho é constituído por diálogos, gravados em áudio e posteriormente feita a transcrição da gravação, com a preocupação de manter a fidelidade da conversão. As entrevistas versaram sobre temas atuais como: “A maioria penal” e “Lei da palmada”. Foram entrevistadas sete pessoas, com diferentes níveis de escolaridades.

A proposta do trabalho está assim organizada: na primeira parte, apresenta-se o contexto em que se situa o trabalho; na segunda, trata-se de questões gerais relativas à significação e à categorização teórica dos marcadores discursivos; e na terceira, faz-se o estudo do *corpus* citado acima, de acordo com a teoria apresentada.

## **2. As múltiplas faces da semântica: um olhar para o contexto de abordagem da semântica da enunciação**

Existem diferentes perspectivas teóricas que linguistas e filósofos possuem acerca do elemento de estudo da semântica, além da falta de consenso quanto ao que seja significado. Tal divergência decorre das diferentes fases e perspectivas nas quais esta área vem assumindo ao longo do seu percurso histórico de criação.

Nos finais do século XIX, os estudos semânticos eram dominados pela tendência geral da linguística histórica, de inspiração darwinista, cuja ênfase era a descrição de uma língua ao longo da história com as mudanças que sofreu. Este período teve como principal representante Michel Bréal, que monetizou o termo derivado do grego "semantikós significativo", na obra *Essai de Sémantique* (1897; *Ensaio de Semântica*), cuja obra lançou as bases da nova "ciência das significações", integrada à linguística ou gramática geral, e paralela à fonética.

A partir dessas bases lançadas por Bréal, novos olhares surgiram para esta área, segundo os interesses de cada corrente teórica, tornando assim a semântica uma área de múltiplas faces. Segundo Muller e Viotti (2003), existem diversos tipos de semânticas, variedade que possibilita o estudo do significado de diferentes ângulos. É desta multiplicidade que resultam as diferentes definições da semântica.

Assim, o estudo da semântica pode ser abordado tanto de uma perspectiva lógico filosófica, centrada sobretudo na análise dos vínculos entre as palavras ou signos e seus referentes objetos, e no estabelecimento de conceitos tais como nomenclatura, conotação, denotação e verdade, como do ponto de vista linguístico, que trata de forma geral a problemática das relações entre pensamento, linguagem e significado, e pretende estabelecer o papel da semântica enquanto componente linguístico, além de definir sua relação com outros componentes, tais como a sintaxe e a morfologia.

A base deste trabalho, entretanto, é a semântica da enunciação, também conhecida como argumentativa. Esta contempla uma abordagem em que a intencionalidade do falante denota a significação contida na mensagem. Em outras palavras, considera-se o enunciado como fonte prioritária da informação a ser transmitida.

Koch (2002, p. 22) afirma que a semântica da enunciação “tem por função identificar enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros”. Ou, simplificando, com a pretensão de argumentar. É uma semântica que estuda o sentido produzido pelo sujeito no contexto de sua enunciação

Autores ligados à filosofia da linguagem afirmam que a teoria da enunciação caracteriza-se por considerar o sujeito como centro de reflexão da linguagem, distinguindo enunciado (o já realizado), de enunciação (ato de produzir o enunciado). O que preocupa, portanto, são as marcas do sujeito no discurso.

A importância de formas da língua que se determinam a partir do seu uso pelo sujeito, induziram ao estudo da subjetividade na linguagem, em que o locutor se adapta como (eu) e seu interlocutor como (tu). Em direção distinta, surge a enunciação como elemento social, em vez de individual, na relação entre sujeito e sociedade.

No ato de produção do enunciado, apresentam-se certos signos que são definidos por parte da maioria dos linguistas, como marcas que se modificam segundo a circunstância da fala. Deste modo, ao conceituarem enunciação, os autores priorizam os elementos que pertencem ao código da língua, mas cujo sentido, no entanto, está sujeito a fatores que variam de uma enunciação para outra.

Dessa forma, nos estudos linguísticos que incluem a questão do

sujeito, partem dos postulados de Benveniste, Jakobson, Ducrot, Bakhtin, bem como de autores ligados à filosofia da linguagem, à pragmática e à análise de discurso.

### **3. Considerações sobre marcadores discursivos**

A definição de marcador discursivo apresenta-se de forma polêmica e incerta. Neste trabalho, assume-se que marcadores discursivos são elementos presentes eminentemente na fala, em circunstâncias dialógicas. Os marcadores discursivos repetidas vezes aparecem na fala quando os falantes precisam monitorar a adequação do que é dito a seus pensamentos e intenções, devendo expressar-se de maneira tão bem sucedida quanto possível dentro dos limites de tempo de seu turno na interação. Evidentemente, não é plausível ao falante examinar, apurar e editar sua fala anteriormente à sua recepção, possibilidades disponíveis na escrita.

Dessa forma, os marcadores discursivos constituem-se de elementos sintaticamente independentes, formados por um ou mais itens lexicais, ou ainda por expressões não lexicais, que frequentemente perdem seu valor semântico assumindo inúmeras funções no discurso. Podem aparecer no início, meio ou final da produção oral.

Macedo (2000) define marcador discursivo como sendo um grupo restrito de partículas ou expressões lexicais (expressas por advérbios, conjunções e “agendinhas”. Ex.: *Aí, né? viu? oh*, dentre outros) que passaram por abreviação fonológica e perderam função sintática. Dessa forma, passam a exercer funções de averiguação da interação, de reformulação, de sustentação da concordância entre os interlocutores e de preparar ou proferir o discurso oral.

A proposta de Macedo (1996), partindo de uma análise sociolinguística, trata os marcadores discursivos como partículas variadas que aparecem frequentemente no discurso oral. Considera que a interatividade entre o falante e sua audiência parece ter influência não apenas sobre os aspectos formais de uso da língua, mas também sobre o tipo de função comunicativa tipicamente desempenhada em eventos conversacionais.

Macedo e Silva (1996, p. 14) denominam marcadores discursivos, como “elementos que estão envolvidos em macro funções discursivas, tais como: a organização discursiva interna, a manutenção da interação dialógica e o processamento da fala na memória”.

Martelotta et al. (2004) confirmam tal afirmação demonstrando que no processo de perda de valor semântico e ganho de valor pragmático-discursivo, os elementos assumem as funções típicas dos marcadores discursivos, atuando na sequencialidade do discurso, marcando insegurança, hesitação, reorganizando a fala, entre outras. Penhavel (2005) define marcadores discursivos como mecanismos que atuam exercendo organização textual-interativa entre os interlocutores de diversas formas sem constituir uma classe bem definida.

Atentos com o número e a variedade dos elementos contidos no grupo dos marcadores discursivos, Risso, Silva e Urbano (1996), tomam as palavras de Pottier (1962) para assegurar que a lista de elementos considerados como marcadores discursivos é muito ampla, sendo contidos nela todos os elementos discursivos com os quais não se sabe o que fazer.

Por outro lado, Macedo e Silva (1996, p. 11-12) propõem várias funções para os marcadores discursivos, uma para cada subcategoria de marcador, levando em conta também sua posição no discurso e elementos de natureza suprasegmental, tais como pausas, prolongamentos, etc. São propostos nove subgrupos, caracterizados a seguir:

- Iniciadores: iniciam turnos.
- Requisitos de apoio discursivo: uso interativo para testar a atenção do interlocutor.
- Redutores: modalizam a postura do locutor.
- Esclarecedores: retomam com maior clareza partes do discurso.
- Preenchedores de pausa: preenchem o silêncio, enquanto o falante processa o que será dito.
- Sequenciadores: marcam sequência no discurso.
- Resumidores: encerram uma lista de itens e resumem.
- Argumentadores: iniciam argumentação contrária ao discurso precedente.
- Finalizadores: dão fecho ao turno do falante.

Marcuschi (1986), por sua vez, propõe uma classificação de marcador discursivo, denominando-o de marcador conversacional, seguindo linhas teóricas alemãs. Ressalta as diferenças entre a conversação e a língua escrita, na qual a primeira deve obedecer também a princípios comunicativos (conversacionais), além dos sintáticos, comum às duas modalidades de expressão da linguagem. A partir disso, enumera os recursos presentes na conversação que abarcam tanto funções conversacionais

quanto sintáticas, classificando-os em verbais, não verbais e suprasegmentais. Ele propõe uma divisão dos marcadores conversacionais, caracterizada a seguir:

- Simples – uma só palavra.
- Composto – apresenta um caráter sintagmático.
- Oracional – corresponde pequenas orações que se apresentam nos diversos tempos e formas verbais.
- Prosódico – são elementos que auxiliam no desenvolvimento interacional da atividade discursiva.

Neste trabalho, adotam-se as classificações já sinalizadas, para os marcadores discursivos.

#### **4. O valor semântico-enunciativo dos marcadores utilizados pelos sujeitos pesquisados**

Apontar e elucidar a proposta de Macedo e Marcuschi tornou-se opção do presente trabalho por considerá-las como classificações que apresentam com maior clareza os elementos ou expressões linguísticas e funções mais comumente associadas a marcadores discursivos. Será usada ainda os recursos presentes na conversação que abarcam tanto funções conversacionais quanto sintáticas, classificando-os em verbais, não verbais e suprasegmentais.

A coleta para análise foi feita através de gravação de áudio, na qual os indivíduos foram entrevistados, acerca de temas atuais e polêmicos como a lei da palmada e a redução da maioria penal. Foram entrevistadas oito pessoas.

As transcrições das gravações foram feitas de maneira minuciosa, com a intenção de conservar o discurso do indivíduo entrevistado exatamente como foi enunciado, para que dessa forma se pudesse atingir o propósito desejado. Além disso, a identificação do indivíduo foi dispensada, com a finalidade de garantir a disponibilidade de colaboração e atender o princípio ético das pesquisas científicas.

Para a apresentação dos dados, utilizam-se os seguintes códigos: **P** para pesquisador e **SE** para sujeito entrevistado, que recebe uma numeração de 1 a 7.

## **Entrevista 01- Tema maioria penal**

**P:** Qual a sua opinião sobre a redução da maioria penal?

**(01) SE1:** Porque é pelo fato da responsabilidade, porque é assim, o jovem com 16 anos já pode tirar o título de eleitor *né?* Eu sou plenamente a favor da redução da maioria penal, daí a violência poderia até diminuir e... como já disse *né?* Quanto mais cedo você atribuir responsabilidade aos jovens, será bem melhor para nós *certo?* Bem, é isso. (**Vendedora – ensino médio**).

No turno (01), os marcadores discursivos “*né?*” e “*certo?*” são caracterizados como requisitos de apoio discursivo, funcionando como elementos interativos servindo para testar a atenção do interlocutor, além de serem classificados como marcadores linguísticos verbais lexicalizados, simples, como busca de apoio. O marcador “*Bem, é isso*” é um finalizador, por dar fecho ao turno e marcador linguístico verbal lexicalizado, composto, finalizador de turno.

**(01) SE2:** É faz tempo que os parlamentares discutem sobre a questão da redução da maioria penal, mas não resolvem nada. O que acontece é que a cada dia a violência está aumentando, e tudo isso é por causa da impunidade e ... o que percebo é que na maioria dos casos os infratores são menores de idade, *né?* Então, sou a favor da redução. (**Professor – nível superior**)

Neste turno, o marcador discursivo “*né?*”, caracteriza-se como requisito de apoio, pois está funcionando como subsídio interativo, classificado como marcador linguístico verbal lexicalizado, simples.

**(01) SE3:** ...Ah, acho que esse negócio de diminuir não vai resolver nada. Porque a lei não funciona. (**Motorista – ensino fundamental incompleto**)

Este turno apresenta o marcador “*Ah*”, que se classifica como iniciador de turno, além disso é um marcador linguístico verbal lexicalizado, simples, indicador de hesitação.

**(01) SE4:** ... *Hum!* Sou a favor é claro, ia mudar muita coisa *né?* ((*risos*)). ...Deixa eu ver... e... *hãã*, ia diminuir mais a violência e...porque os moleques iam ficar com medo de ir preso, *né?* Daí alguns pais ia ficar menos des preocupados, *hãã* ... *Acho que é isso, tudo bem?* (**Dona de casa – ensino fundamental incompleto**)

O elemento “*hum!*” no turno (1), é nomeado como marcador linguístico verbal, simples, não lexicalizado de monitoramento. O “*né?*” é requisito de apoio e marcador simples. Os “((*risos*))” são elementos extralinguísticos que preenchem o silêncio. Também o “*hãã*”, nas duas sinalizações, é caracterizado como preenchedor de pausa, ou seja, preenche o silêncio, enquanto o falante processa o que será dito. A expressão

“*acho que é isso*” é classificada como meio linguístico verbal lexicalizado, oracional, indicador de atenuação, e o elemento “*tudo bem?*”, funciona, neste caso, como finalizador, pois dá fecho ao turno do falante.

## Entrevista 2- Tema lei da palmada

**P:** Qual a sua opinião com relação a lei palmada?

**(02) SE4:** ...*Hum!* a lei da palmada é...eu sou contra, *né?* porque eu acho que a gente tem que corrigir nosso filho e...senão ele vai acabar é virando pilantra *né?* (**Dona de casa – ensino fundamental incompleto**)

O “*hum!*” é considerado iniciador de (2), já o “*né?*”, como já foi apresentado, é requisito de apoio discursivo, pois é um marcador interativo que serve para testar a atenção do interlocutor. É também um marcador linguístico verbal lexicalizado, simples, com busca de apoio em final de turno.

**(01) SE5:** ...*Bem*, sobre essa lei é ...tem muito pai que não sabe bater *né?* Eu sou a favor por isso. (**Vigia – ensino fundamental**)

O marcador “*Bem*” é um iniciador, além de ser um marcador linguístico verbal lexicalizado, simples. Já o “*né?*”, é requisito de apoio e elemento linguístico verbal lexicalizado, simples em final de turno.

**(01) SE6:** ...Já faz algum tempo que essa lei da palmada vem sendo discutida e...o que podemos perceber é que muitas pessoas não entendem verdadeiramente a importância dessa lei para a proteção das nossas crianças, *dá pra entender?* Então, espero que seja aprovada, pois irá evitar que muitas crianças, sejam violentadas, *né?* Seja pelos pais ou por qualquer outra pessoa, *mas* espero que ela não fique só no papel, e sim que seja aplicada com rigor. (**Gestor de escola – nível superior**)

Neste turno, o elemento “*dá pra entender?*” é classificado como marcador linguístico verbal lexicalizado, oracional, de manutenção do tópico, e como requisito de apoio, pois testa a atenção do interlocutor. O “*né?*” é também um requisito de apoio. Já o “*mas*”, é um marcador linguístico verbal lexicalizado, simples, operador argumentativo de contração, ou seja, inicia argumentação contrária ao discurso precedente.

**(01) SE7:** ...Essa lei é um assunto bem complicado, *deixa eu ver*. Tem os contras e os a favor...*hãã*... eu acredito que ela seja sim aprovada.... *mas*, cumpria, pois assim evita que muitas criancinhas sejam violentadas. (**Professora de Educação Infantil – nível superior**).

Neste turno, o marcador “*deixa eu ver*” é esclarecedor, pois retoma com maior clareza partes do discurso, o “*hãã*” é preenchedor de pau-

sa, pois preenche o silêncio. O “*mas*” é classificado como marcador linguístico verbal lexicalizado, simples, operador argumentativo de contra-junção, ou seja, inicia argumentação contrária ao discurso precedente.

Segundo a literatura vigente, esses elementos assumem, do ponto de vista da enunciação, o caráter de discursivização, ou seja, o elemento linguístico perde suas restrições gramaticais, e passa a aceitar exceções de modo pragmático e interativo. Como a proposta do presente trabalho é averiguar a presença de elementos conhecidos na prática linguística como marcadores discursivos, com papéis discursivos e interpessoais, relacionando-os à desenvoltura do discurso de indivíduos de diferentes níveis de escolaridade, prioriza-se uma categorização que privilegie tais colocações.

Percebe-se pelo *corpus* da pesquisa, que em todos os turnos sucede a presença dos marcadores, independentemente do nível de escolaridade do sujeito. Mas nota-se que algumas pessoas fazem o monitoramento da fala, reduzindo de certa forma a ocorrência dos marcadores discursivos.

O marcador “*né?*”, classificado como requisito de apoio, foi o de maior índice de ocorrência, dos sete entrevistados ele marcou presença na fala de cinco sujeitos. Os marcadores “*Ah*”, “*Hum*”, “*Bem*”, respectivamente caracterizados como iniciadores de turno, apresentaram-se na fala de três sujeitos. Quanto aos demais marcadores, observa-se que suas ocorrências foram dispersas.

Compreende-se que a presença desses marcadores discursivos realmente se dá pelo fato de que, no ato do enunciado, o sujeito está cara a cara com o interlocutor, no momento da fala, e não tem a possibilidade de rever ou corrigir seu discurso, como ocorre no texto escrito.

## 5. *Considerações finais*

Sabe-se que os marcadores discursivos funcionam como recurso de interação social, como mecanismos linguísticos utilizados pelos sujeitos, enquanto estratégias interativas, cujo valor recai nos modos como os sujeitos atribuem significado as ações linguísticas. Nessa direção, a presente pesquisa buscou examinar o uso dos marcadores discursivos na fala de indivíduos de diferentes níveis de escolaridade, a fim de identificar e definir as unidades encontrados no *corpus* e o seu significado no discurso.

Na análise dos marcadores discursivos, pode-se notar significados distintos que estruturam os argumentos e assim pode-se compreender que os marcadores discursivos possuem um estilo multifuncional, perceptível na análise dos turnos sinalizados. Também foi possível perceber que a ocorrência do preparo da linha de raciocínio na fala, face a face com o interlocutor, é uma estratégia comunicativa que tem como finalidade reorganizar o discurso com o intuito de atrair a atenção do ouvinte.

Sendo assim, considera-se relevante essa pesquisa, embora, se reconheça a sua limitação e a necessidade de ampliá-la, em razão da importância dos estudos sobre a linguagem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, A. *Gramática do português falado*, vol. 1. Campinas: UNICAMP, 1991.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça et al. Aspectos do processamento do fluxo na informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. de. (Orgs.). *Gramática do português falado*, vol. 1. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1990.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987.

MACEDO, A. Aquisição de marcadores em primeira e em segunda língua. In: RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

MACEDO, A. T. de; SILVA, G. de O. e. *Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2005.

MARTELOTTA, M et al. *Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MULLER, Ana. Semântica formal. In: FIORIM, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. II – Princípios de análise. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003, vol. 2, p. 137-159.

RISSO, M. S. et al. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCK, Ingedore Villaça. (Org.). *Gramática do português falado*, vol. IV. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996.